



Dispositivos tecnológicos de mediação e processos comunicativos na Reserva Indígena de Dourados¹

Elton Domingues Rivas²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

RESUMO

O presente artigo trata da apropriação de dispositivos tecnológicos de mediação pelos índios Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados (MS) e como o exercício da linguagem técnica de comunicação interfere nas práticas sociais tradicionalmente hierarquizadas, podendo produzir ambientes comunicativos, transformadores das vivências e modos de acolher os fatos do mundo. Utilizaremos o conceito de *bios* midiático de Muniz Sodré, o de semiosfera de Iuri Lótman, bem como o domínio técnico e a forma como ele atinge a cultura – e, através dela, altera a visualidade e se comunica – tema abordado por autores como Vilém Flusser, Norval Baitello, Hans Belting e Lucrécia Ferrara.

PALAVRAS-CHAVE: dispositivos tecnológicos; mediações; populações indígenas; espacialidade; visualidade

De forma heterogênea, os avanços tecnológicos penetram em todas as esferas da atividade humana, sendo responsáveis por uma reorganização social e revisão dos estilos de produção, comunicação e gerenciamento da vida. Nossa investigação pretende compreender a apropriação de dispositivos tecnológicos de mediação por índios Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados (MS) e a conseqüente constituição de processos culturais e comunicacionais através de novas formas de autorrepresentação e organização da vida cotidiana, suas relações ambientais mediadas por recursos tecnológicos, capazes de produzir ambientes comunicativos, transformadores das vivências e modos de acolher os fatos do mundo.

É necessária a incorporação de noções de tecnicidade e visualidade como novos lugares metodológicos, considerando as características dos vínculos mediados por dispositivos que em conseqüência de suas naturezas tecnológicas, podem acabar interferindo na própria relação comunicativa.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Doutorando em Comunicação e semiótica pela PUC/SP, email: eltonrivas@hotmail.com



A apropriação e resignificação desses novos dispositivos tecnológicos pelos indígenas devem ser analisadas a partir das formas como a comunicação passa a interferir na estrutura social e também nas necessidades e transformações ocorridas com a utilização daquelas tecnologias nas relações sociais interétnicas.

Nosso foco de análise está na experiência desenvolvida pela AJI (Ação de Jovens Indígenas), da Reserva Indígena de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, que reúne jovens Guarani-Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena das aldeias Bororó e Jaguapiru. Com uma população de cerca de doze mil pessoas, vivendo em uma área de 3.539 hectares, é a Reserva com a maior densidade demográfica no país. Os indígenas envolvidos com a AJI produzem um jornal impresso de circulação bimestral, mantém um *blog* e um *photolog* da organização e realizam oficinas de fotografia e audiovisual nas aldeias, que geraram a publicação de um livro e a realização de vídeos nos gêneros documentário e ficcional.

Assim como outros grupos indígenas brasileiros, os índios de Dourados precisam negociar cotidianamente a continuidade de uma cultura considerada tradicional com a entrada de novos hábitos e recursos provenientes do contato com a sociedade nacional. Essa negociação ocorre de modo ativo e dinâmico e o uso das mídias tecnológicas é parte constituinte dos processos de mediação entre esses diferentes sistemas de signos (novas línguas, cultura, aquisição de tecnologia). Entretanto, a aquisição da tecnologia não é garantia da promoção de processos de subjetivação ou emancipação de indivíduos e coletividades. Para Gushiken (2008, p.3), “é a relação do usuário com a tecnologia, uma espécie de agenciamento homem-máquina, que vai apontar como projetos comunicacionais e culturais são construídos numa perspectiva de desenvolvimento social”.

Os jovens indígenas buscam com suas produções audiovisuais, registrar sua realidade para um público externo, gerando um importante movimento de “reelaboração cultural” e, de outro lado, o registro de práticas culturais, da língua, danças e do cotidiano para o uso interno da aldeia.

No Brasil, a visibilidade de distintos segmentos sociais passa hoje pelo uso que se faz de tradicionais formas de expressão cultural e, sobretudo, com os processos de diálogo permitidos pelas recentes tecnologias de registro e comunicação digital, que se



combinam para gerar uma hibridação, com novas estruturas, objetos e práticas e que se tornaram mais acessíveis ao consumo de distintas e amplas faixas da população.

Félix Guattari ao comentar sobre os movimentos sociais e a quebra da dependência em suas relações com o poder global afirma que:

“a partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viverem seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante” (GUATTARI, 1996, p. 46).

Os diferentes circuitos culturais tendem a sofrer mutações na medida em que se conectam e são reproduzidos nas distintas formas de existência midiática e digital. Ao capturar para si o uso de ferramentas midiáticas, a “aldeia”, produz um discurso de si. Essa prática discursiva tende a alterar o imaginário para além dos registros etnográficos, sociológicos e jornalísticos como modelos narrativos e interpretativos de seu modo de vida.

A generalização e homogeneização no tratamento da diversidade indígena brasileira pelos meios jornalísticos podem ser constatadas pela cobertura factual e fragmentada sobre o tema. Em geral, informações descontínuas sobre os povos em pauta, com pouca densidade cultural, não passando de referências genéricas para tratar de um universo amplo de mais de 200 etnias e cerca de 180 línguas nativas. É evidente que a linguagem jornalística procura facilitar ao seu público a compreensão dos temas abordados, contudo, esse procedimento colabora para a criação de estereótipos e no reforço das imagens pré-concebidas sobre as populações indígenas brasileiras.

Esses discursos midiáticos, muitas vezes remetem a visões que confinam os indígenas a, basicamente, duas identidades muito bem apontadas por Barbero (2003). Uma, que vê os povos indígenas como objeto puro, raiz que deve ser conservada como símbolo da identidade, único traço que nos resta da autenticidade e a outra, que os coloca em situação de exterioridade ao desenvolvimento capitalista e aponta os índios como obstáculos ao desenvolvimento. É necessário abandonar conceitos já ultrapassados nas ciências humanas como o evolucionismo cultural e pensar as sociedades indígenas como nossas contemporâneas em meio a intensos processos de mestiçagem cultural, de



transformações das dinâmicas sociais que não mais se traduzem apenas em termos de perda e dominação.

A cultura – que não é feita apenas de tradições – só existe como movimento, alimentado pelo contato com a alteridade. O acesso aos meios tecnológicos constitui uma inovação que interfere decisivamente na produção da cultura, justamente porque incentiva sua permanente reelaboração. A vivência de intercâmbios, da comparação e do confronto, permite a comunidades indígenas um novo olhar sobre suas próprias especificidades culturais que representa para eles a oportunidade de reivindicar um espaço próprio e garantias para um futuro mais digno.

Os saberes comunicacionais podem ser aliados no surgimento de diferentes formas de subjetivação e emancipação na vida contemporânea. Interessa-nos analisar distintas formas de produção cultural, em que saberes midiáticos são construídos em sua multiplicidade, fora dos circuitos culturais socialmente legitimados. A aquisição de um novo instrumental técnico desenvolve nas comunidades uma capacidade crítica, além de impactos sociais, políticos, cognitivos e, sobretudo, comunicativos na e da organização da vida cotidiana. Para Peruzzo:

“A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se tornam protagonistas da comunicação e não somente receptores” (PERUZZO, 2002, p. 46).

Este repertório que associa a apropriação dessas tecnologias comunicacionais a estratégias de autodeterminação, resistência e reafirmação étnica, ainda convive com a concepção de que o uso de equipamentos eletrônicos, como aparelhos televisores e câmaras de vídeo significam assimilação ou perda de identidade dos povos indígenas que os utilizam, convertendo os índios ao que há de irreconciliável com a modernidade (BARBERO, 2004).

A Reserva Indígena de Dourados foi instituída em 1925 com a intenção de fazer com que os índios fossem aldeados para que se tornassem produtivos e, com isso, ingressassem no processo civilizatório, via processo aculturativo. Mais de oitenta anos depois, encontramos uma Reserva cercada de um lado pela cidade de Dourados (com população de cerca de 180 mil pessoas), cujo marco central está distante 10 km dos



limites do território indígena, e de outro lado, plantações de cana, milho, soja e feijão, além da atividade pecuária.

Os jovens indígenas têm uma intensa circulação entre a Reserva e a cidade. Marcados, por um lado, pela discriminação dos não-índios e, por outro, por uma convivência intensa com a cidade. É fundamental considerar que uma grande parcela dos jovens passou a ocupar um não-lugar na Reserva Indígena (ALCÂNTARA, 2007, p. 77), uma vez que evitando o trabalho nas lavouras e buscando alternativas, muitas vezes na cidade, não criam condições para constituição de uma família (como casa própria casa e renda fixa) e acabam se casando mais velhos, criando uma nova categoria social: a de jovens solteiros.

Esses jovens, que são tradicionalmente excluídos das discussões e tomadas de decisões de suas comunidades, encontram naquelas experiências tecnológico-mediativas uma forma de mobilização social que lhes garante maior aceitação dentro da própria comunidade e na relação com o exterior, colaborando com a criação de um lugar de pertencimento para esses indígenas. Referimos-nos a esse espaço, não como algo físico, mas sim, como o fenômeno que se situa entre a comunicação e a cultura. Esse espaço “entre”, seu desenvolvimento e o modo como passa a intervir e marcar as relações humanas. Espaço e informação são elementos interdependentes, visto não ser possível conceber, apreender um espaço senão através dos usos e hábitos correntes do modo de produção que os caracteriza (FERRARA, 1993, p.151).

Nossa investigação busca compreender em que medida a apropriação de dispositivos tecnológicos de mediação pelos índios Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados (MS) estabelecem diferentes processos culturais e cria meios comunicativos que proporcionam novas mediações e vínculos na organização da vida cotidiana, garantindo outros padrões de sociabilidade e comunicação na relação entre jovens-aldeias e aldeias-cidade.

O diálogo da pesquisa será construído com autores que fazem a distinção entre suporte e meio comunicacional e que trabalham a perspectiva da importância das mediações na comunicação, bem como da compreensão dos sistemas audiovisuais, tecnologia e linguagem, como geradoras de novas formas perceptivas e cognitivas.

A problemática da técnica e suas expansões são trabalhadas por Vilém Flusser, Hans Belting e Lucrecia D’Alessio Ferrara, que apontam para a maneira como o domínio



técnico atinge a cultura e através dela, altera a visualidade e se comunica. De acordo com Ferrara (2008), “representar o mundo é uma forma de transformá-lo em texto passível de leitura e, sobretudo, de produzir um modo de conhecê-lo, ao lê-lo como um território da cultura”.

Muniz Sodré (2002) defende a proposta de que vivemos em um *bios midiático* no qual a mídia é caracterizada como um dispositivo gerador de real com poder simultâneo, instantâneo e global que transforma as vivências e modos de acolher os fatos do mundo. Esse novo *bios* é a sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário. Dessa forma, os vínculos comunicativos se referem às relações ambientais mediadas por recursos tecnológicos ou não e veículos eletrônicos e digitais que, na distância física real ou virtual, geram ambientes comunicativos *bios midiáticos*. O modelo sociabilizante (família, escola, igreja, em nosso caso, as categorias sociais indígenas, os ritos e tradições) entra em crise na atualidade, em virtude das transformações da vida social e da inserção *do bios midiático*.

O uso das tecnologias de comunicação proporciona a criação de novas práticas comunicacionais. Por meio de suas produções midiáticas, os jovens indígenas realizam o papel de mediadores entre os dois mundos por onde transitam e o local de pertencimento entre sua cultura e a do outro está em permanente negociação entre códigos culturais. Desse fluxo resulta uma cultura híbrida marcada por intensas assimetrias. Essa hibridação é definida por Canclini (1998) como o conjunto de processos de intercâmbio e mesclas de culturas, ou entre formas culturais, fruto do contato entre elas e dos empréstimos de elementos que umas fazem das outras. O conceito de mestiçagem de Gruzinski também é importante para esse trabalho, uma vez que os materiais produzidos com a utilização dos dispositivos técnicos misturam diferentes ingredientes culturais, resultado de um cotidiano de intensa “negociação intercultural” entre os indígenas (um grupo minoritário numérica e economicamente) e a sociedade nacional.

A Reserva Indígena de Dourados é hoje um palco privilegiado para observarmos os resultados dos processos de hibridização e mestiçagem. Criada para atender ao projeto de aldeamento dos indígenas para sua inserção no processo civilizatório, foram para lá levados índios Guarani Kaiowá e Nandeva (tronco linguístico Tupi), e famílias Terena (tronco linguístico Aruak). Os Terena, considerados mais “civilizados” pelos não-



índios, teriam a finalidade de ensinar os índios “menos civilizados” (os Guarani) e a fazer a ponte entre eles e os “homens brancos”. Não é possível descartar a teia de relações estabelecidas por esses povos no interior da Reserva Indígena, bem como seu contato permanente com a sociedade não índia. A experiência aculturativa e de hibridação dos índios no interior dessa reserva, assume formas específicas de acordo com a variação de diferentes fatores (dados históricos, proximidade com a cidade, circulação de mercadorias, recursos econômicos, entre outros). Cabe ao nosso estudo acrescentar a essas variáveis, a aquisição das mídias tecnológicas como instrumentos de comunicação.

Esse projeto de pesquisa se insere nos esforços pelo entendimento das relações entre comunicação e cultura e a compreensão dos mecanismos geradores dos signos no espaço da cultura. Tendo como base Iuri Lótman e o conceito de semiosfera, criado para designar o estudo das relações entre os diversos sistemas de signos nos espaços culturais. O ponto de partida desta formulação foi a necessidade de compreender encontros culturais movidos pelas mais diferentes causas: choques civilizacionais, expansão de códigos, linguagens, emergências. Nesse sentido, trata-se de considerar não apenas as relações como também as conexões que aproximam os diferentes sistemas. Com isso é possível pensar mecanismos básicos da constituição do espaço semiótico tais como irregularidade, heterogeneidade, fronteira, transformação da informação em sistema de signos.

A pesquisa será realizada por meio de levantamento empírico, pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo. Nosso objeto de estudo será o material produzido no âmbito da experiência da AJI – Associação de Jovens Indígenas de Dourados, em Mato Grosso do Sul pelo blog (www.ajindo.blogspot.com), o fotolog (www.fotolog.com.br/ajidourados), e o jornal impresso *Ajindo* (12 edições – período de março de 2008 a março de 2009), o livro de fotografias *Nossos Olhares* e produções audiovisuais (vídeos *Ore Reko* e *De mão em mão*).

A partir da seleção desses materiais desenvolveremos, de um lado, a análise dos processos de produção e de circulação dessas mensagens, além da descrição e interpretação qualitativa de seus conteúdos. De outro lado, a análise da finalidade dessas produções e seus impactos na tomada de consciência da realidade, visto que a conquista das mídias tecnológicas parece ser ponto de partida para outra leitura de mundo, para



uma mudança radical no paradigma de interpretação da realidade social e comunicativa desses povos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (org). **Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. Editora Boitempo, São Paulo, SP: 2004.

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, São Paulo, SP: 2007.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. “*Imagens do Índio - Signos da Intolerância*” In GRUPIONI, Luís Donisete B., VIDAL, Lux Boelitz, FISCHMANN, Roseli (orgs). **Povos indígenas e tolerância**. São Paulo, SP: Edusp, 2001.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo, SP, Annablume: 2005.

_____. **O animal que parou os relógios**. Ensaios de Comunicação, Mídia e Cultura. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, SP: 2000.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2003.

_____. e REY, German. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo, SP: Ed. SENAC, 2004.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo, SP. Ed. Perspectiva: 1999.

BASINI, José Exequiel. **Índios num país sem índios: A estética do desaparecimento**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS: 2003.

BELTING, Hans. **Antopologia de la imagen**. Buenos Aires, Argentina: Katz, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2004.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 1995.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.



CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo: Unicamp, 1996 (1964).

CAREY, James W. **Communication as culture: essays on media and society**. New York: Routledge, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo: 2000.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Imagem movimento**. São Paulo. Brasiliense: 1985

FERNANDES, Joana. **Índio, esse Nosso desconhecido**. Cuiabá. Editora da UFMT: 1993.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo, SP: Annablume: 2008.

_____. **Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto**. In LOPES, Maria Imacolata Vassalo (org). Epistemologia da comunicação. São Paulo, SP, Edições Loyola: 2003.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumara: 2002.

GALLOIS, Dominique & CARELLI, Vincent. **Vídeo nas Aldeias: a experiência Waiãpi**, em: Cadernos de campo. São Paulo, USP: 2003.

_____. **Diálogo entre Povos Indígenas: a experiência de Dois Encontros Mediados pelo Vídeo**, em Revista de Antropologia, Vol. 38, Nº 1. São Paulo: USP: 1995.

_____. **Vídeo e diálogo cultural – A experiência do projeto Vídeo nas Aldeias**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61-72, jul./set. 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GOMES, Mayra Rodrigues. **O poder no jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar – São Paulo: Hacker Editores: 2003.**

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os índios do descobrimento: tradição e turismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Companhia das Letras, São Paulo: 2001.

GUATTARI, Felix e ROLNIK Suely. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. 4ª. Edição. Petrópolis, Vozes: 1996.

GUSHIKEN, Yuji. **Usos midiáticos na constituição de circuitos culturais e comunicacionais populares urbanos**. Brasília, DF: E-compós, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 11, nº 1, jan/abr. 2008. Disponível em www.e-compos.org.br. Acessado em 03 de julho de 2008.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A: 2003.



- IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1996
- JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1991.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC: 2001.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Um olhar sobre a presença das populações nativas na invenção do Brasil*. In SILVA, Aracy Lopes e GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília:MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. Brasiliense, São Paulo: 1997.
- _____, Arlindo (org). **Made in Brasil**. São Paulo, SP. Ed Iluminuras e Itaú Cultural: 2007.
- MANGOLIM, Olívio. **Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: Viveremos por mais 500 anos**. Campo Grande, MS, CIMI: 1993.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª edição. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato. **O guarani: um mito de fundação da brasilidade**. Revista Ciência e Cultura. São Paulo: março de 1988.
- PERUZZO, Cicilia M.K, F.de Almeida (Orgs). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB: 2002.
- PETROFORTE. Antonio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. Contexto: 2007.
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e oposição: Formas na cultura mestiça**. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 1995.
- RIVAS, Elton. **Entre Peris e Aimorés: Os bons e maus selvagens da imprensa**. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais. Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá, MT: 2006.
- ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho: Comunicação, cultura e consumo**. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Mauad, 1995.
- RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.
- RUSSO Kelly, **Vídeos educativos e o diálogo entre culturas: Professores Indígenas e a apropriação da linguagem audiovisual**. Teias: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16: jan/dez 2007.
- SANTAELLA, L; NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo, Iluminuras: 2005.
- SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Imagem do índio: O Selvagem Americano na Visão do Homem Branco**. São Paulo: Ibrasa, 2000.
- SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. EDUSP. São Paulo, 1974.



SOCIOAMBIENTAL, Instituto. **Povos Indígenas do Brasil**, São Paulo: 2001.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes: 2002.

_____. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes: 1996.

SOUZA, Mauro Wilton de (Org.) **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo, Paulinas: 2006.

TURNER, Terence. **Imagens Desafiante**s: a Apropriação Kaiapó do vídeo. In: Revista de Antropologia, Vol. 36. São Paulo: USP, 1993.